

Linhagem de Duarte de Brito: poeta do *Cancioneiro Geral*

PEDRO CARUSO

Prof. de Língua Portuguesa da
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (SP)

Ler o *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende, é ver refletir-se nos seus poemas a ilusória impressão de uma sociedade fútil, desocupada, vergonhosamente cortesã e mundana, onde os fatos mais insignificantes da vida normal ganham proporções gigantescas. No entanto, a parte séria e árdua dessa sociedade está nos livros de genealogia, está nos nobiliários. Jorge de Sena corrige, de maneira precisa, essa falsa impressão: “o *Cancioneiro Geral* era, na sua quase totalidade, a obra de poetas que não haviam passado as vidas, como animais de estimação, aos pés das damas da corte, e de viola em punho, mas eram exactamente aqueles capitães de Marrocos, da Índia e dos mares, que se achava de patriótico bom tom admirar como heróis militares.”¹ Duarte de Brito, um dos mais fecundos poetas do *Cancioneiro Geral*, também não fugiu à regra: soube fazer poesia e soube servir à pátria. É pena no entanto que da sua vida pouca coisa nos reste.

Que se conheça, o antepassado mais antigo de Duarte de Brito, mencionado pelos livros genealógicos, foi um tal João ou Francisco Dias de Brito. Este João ou Francisco Dias de Brito teve dois filhos: Fernão de Brito, casado com Isabel de Azevedo, e Iria de Brito, casada com Ruy Gomes de Azevedo, Alcaide-mor de Penella.

Fernão de Brito e sua mulher, Isabel de Azevedo, tiveram apenas um filho, Francisco de Brito, casado com Isabel Juzarte², possivelmente filha de Ruy Fernandes Zuzarte. A propósito deste Fernão de Brito sabe-se que ele viveu em Évora e que instituiu, juntamente com o filho, Francisco de Brito, pai de Duarte de Brito, um morgado, no ano de 1487, junto à capela de São Bras na igreja de São Tiago de Évora.³

Francisco de Brito e sua mulher, Isabel Juzarte, tiveram três filhos: Fernão ou Simão de Brito, Duarte de Brito e Lopo de Azevedo. O primeiro filho

do casal, Fernão ou Simão de Brito, morreu sem deixar geração. Lopo de Azedo, terceiro filho de Francisco de Brito e Isabel Juzarte, casou-se com Brítes da Costa e tiveram dois filhos: Fernão da Silva e Francisco de Brito. O primeiro deles morreu na Índia e o segundo, Francisco de Brito, será o futuro senhor do morgado acima mencionado.

Duarte de Brito, segundo filho de Francisco de Brito e Isabel Juzarte, ter-se-ia casado com Isabel de Azevedo⁴ ou com Joana Cabral⁵. Desse casamento nasceu-lhes uma filha, Isabel de Azevedo, casada a primeira vez com Antonio Casco de Vasconcelos, Senhor do Morgado de Machede e, segunda vez, casada ou com D. Cristovão de Mello, Capitão ou Guardador da Mina, ou com João de Mello, filho segundo de Jorge de . . . , cujo apelido não consta das genealogias. De ambos os casamentos, Isabel de Azevedo não deixou geração, pelo que o dito morgado passou ao seu primo Francisco de Brito, acima mencionado.

São discrepantes, como se pode notar, os livros genealógicos no tocante ao nome da mulher de Duarte de Brito. Isto porém parece estar fora de qualquer dúvida: Duarte de Brito não se casou com a celebrada Dona Ilena das suas trovas.

Parece-nos, por outro lado, que o motivo de tal confusão se prende ao fato de ter havido mais de um Duarte de Brito e todos eles mais ou menos contemporâneos.⁶

Parece-nos no entanto que o Duarte de Brito, autor das composições que figuram no *Cancioneiro Geral*, deve ser o segundo filho de Francisco de Brito e Isabel Juzarte.

Aceitando como válidas a filiação e a paternidade poética, vale a pena acrescentar que o laço que une Duarte de Brito à família Juzarte é única e simplesmente materno. Não tem nenhum cabimento o que diz Teófilo Braga⁷ para justificar a inscrição de Duarte de Brito entre os cavaleiros das moradias de D. João II. A inscrição de Duarte de Brito justifica-se pela própria importância dos Britos de Évora.⁸

Teófilo Braga⁹ relaciona ainda como recompensa aos membros da família Juzarte, na qual se inclui Duarte de Brito, o fato de ter sido ele citado entre os “Cavalleiros Fidalgos”, de 1484, no “Livro das Moradias do Senhor Rey D. João o II”, comunicado por Joseph Freire de Monterroyo Mascarenhas¹⁰. No entanto, o fato de ter sido citado no referido livro, em 1484, como “Cavalleiro Fidalgo”, talvez não justifique nada, pois três anos antes, em 1481, o nome de Duarte de Brito já aparece relacionado, como “Escudeiro Fidalgo”, no “Livro das Moradias da Casa do Senhor Rey D. Affonso o V”¹¹. Só poderíamos aceitar como recompensa, quando muito, o fato de Duarte de Brito ter sido guinado de “Escudeiro” a “Cavalleiro”. Seria impossível premiar-se alguém antes do motivo desse prêmio, pois a descoberta dos planos do Duque de Bragança, D. Fernando, para eliminar a D. João II, embora um pouco anterior, só se consumou em 1483, com a prisão de D. Fernando¹², e Duarte de Brito já era escudeiro desde 1481.

O nome da filha de Duarte de Brito, Isabel de Azevedo, pode no entanto sugerir-nos coisa e acrescentar um dado novo para que aceitemos como válida a atribuição do Abade de Perozello. Estamos pois inclinados a aceitar Isa-

bel de Azevedo como mulher de Duarte de Brito, pelas seguintes razões: a) por não aparecer, nos livros de genealogias, o nome de Duarte de Brito no título Cabral (cf. nota 5); b) por ter Duarte de Brito militado na Índia, conforme atestam os livros de genealogias (cf. nota 13) e não constar tenha ido para a ilha da Madeira; c) porque, embora mantivesse relações de amizade com o poeta João Gomes da Ilha, que em 1483 vivia na ilha da Madeira, esta amizade poderia muito bem ter nascido na corte freqüentada por Duarte de Brito e não necessariamente na referida ilha; e d) finalmente, porque o nome da filha de Duarte de Brito poderia muito bem estar representando o nome da mãe e o da bisavó dele. Este não seria nem o primeiro nem o último caso, pois tudo “quanto se sabe dos usos do tempo mostra que as damas, em geral, usavam os nomes de suas mães ou avós.”¹³

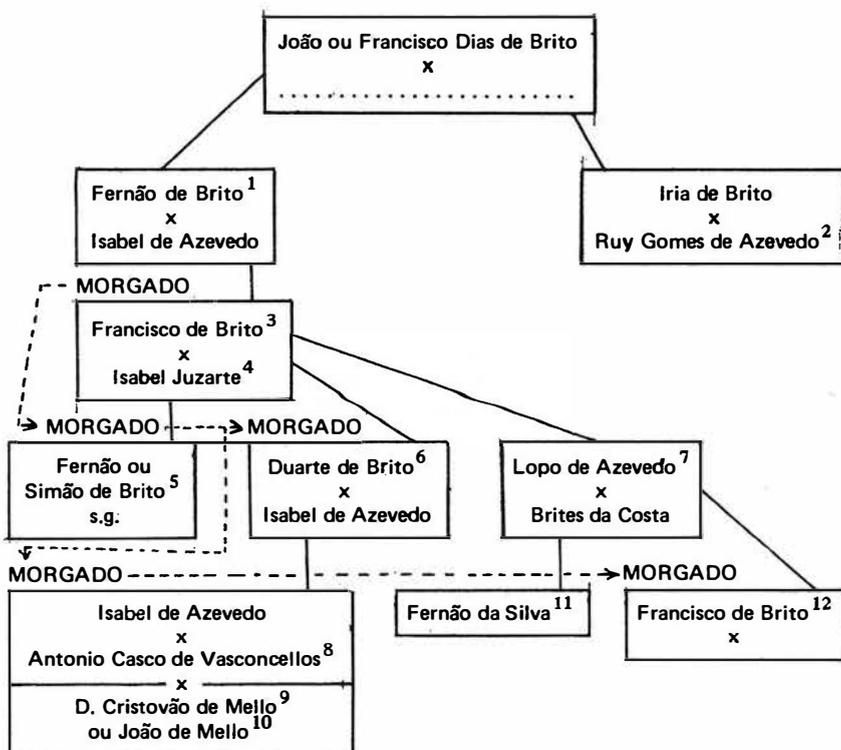
Desse modo, a árvore genealógica de Duarte de Brito, que se pode reconstituir em função dos livros de genealogias,¹⁴ é a seguinte:

Fixar, no entanto, a data de nascimento de Duarte de Brito é tarefa difícil e mesmo impossível. Senão vejamos. Os livros genealógicos não fazem nenhuma menção a datas, exceto, é claro, a dos anos 1481 e 1487, esta última, data da instituição do morgado acima mencionado. Além disso, os nomes mencionados por Duarte de Brito e, inclusive, o dos outros que a eles se ligam, pouca coisa nos dizem¹⁵; o mesmo diríamos em relação às pessoas que aparecem na árvore genealógica anteriormente esboçada.

As únicas duas datas referentes, especificamente, a Duarte de Brito se acham nos Livros de Moradias. A primeira delas, 1481, é a de seu registro como “Escudeiro Fidalgo”, no “Livro das Moradias da Casa do Senhor Rey D. Affonso o V” e, a segunda, 1484, a de seu registro como “Cavalleiro Fidalgo”, no “Livro das Moradias do Senhor Rey D. João o II”.

A partir destas duas datas é que se poderia pensar no ano de nascimento de Duarte de Brito e, de maneira mais correta possível, se soubéssemos com que idade se fazia o registro, como escudeiro e/ou cavaleiro. Infelizmente, o que diz Jorge de Sena, n’ *A Estrutura de Os Lusíadas*, referindo-se a fato semelhante: “[. . .] Sebastião de Macedo, que foi vedor da casa do cardeal D. Henrique, depois rei (e que encontramos, como de Alenquer, no livro de moradias de S. Manuel I, em 1518, entre os escudeiros-fidalgos – e pela data do registro terá nascido por 1509 ou antes, já que tal registro se fazia nesse tempo aos nove anos de idade)”¹⁶, para o caso específico de Duarte de Brito é praticamente impossível aceitá-lo, pois se assim o fosse, fazendo-se as contas, o nosso Poeta teria sido armado cavaleiro-fidalgo com apenas 12 anos de idade, o que parece ser totalmente impossível. Acrescente-se ainda o fato de que, embora referente ao século XVIII, o moço só poderia ser armado cavaleiro aos 20 anos de idade.¹⁷

Tudo nos leva a crer pois que Duarte de Brito terá nascido por volta de 1461. Foi escudeiro-fidalgo aos 20 anos de idade aproximadamente e cavaleiro-fidalgo três anos depois. O que fica claro é o fato de Duarte de Brito ter pertencido, pelo menos, às cortes de D. Afonso V (1438-1481) e de D. João II (1481-1495). O local e a data de sua morte são totalmente desconhecidos.¹⁸



Notas referentes à árvore genealógica

- 1 — Cf. nota 3.
- 2 — Alcaide mor de Penella
- 3 — Tem a capela de S. Bras em S. Tiago de Évora. Está sepultado na Capella de São Bras em São Tiago de Évora.
- 4 — Filha de Ruy Fernandes Zuzarte, talvez.
- 5 — Herdou o morgado. Morreu sem geração.
- 6 — Serviu na Índia. Foi Senhor do dito morgado por morte do irmão.
- 7 — Serviu na Índia com Duarte de Brito. Casou-se em Beja.
- 8 — Senhor do Morgado de Machede. Morreu sem deixar geração.
- 9 — Capitão ou Guardador da Mina. Morreu sem deixar geração.
- 10 — Filho segundo de Jorge de . . .
- 11 — Morreu solteiro na Índia.
- 12 — Ficou com o morgado de Isabel de Azevedo, por morte sem filho.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 *Estudos de História e de Cultura*, Lisboa, Ed. da Rev. Ocidente, 1963, vol. 1, p. 135.
- 2 Alternam nos livros genealógicos as formas *Juzarte* e *Zuzarte*. Referem-se no entanto ao mesmo apelido *Juzarte*.
- 3 Andrade Leitão, *Famílias de Portugal*, Letra B, tomo 3^o, ms. da Biblioteca da Ajuda, Cota: 49-XII-28, diz a respeito de Fernão de Brito: "viveo em Evora, e instituiu hu morgado no anno 1487 com seu filho, e obrigou hu moyo de trigo da sua renda a Capella de São Bras na Igreja de São Tiago de Evora, na qual escritura se diz não sabia quem fora seu instituidor, mas seus descendentes tem per tradição que o fora Frey Alvaro de Brito." (f. 145). Nada mais encontramos a respeito deste Frey Alvaro de Brito, razão porque deixamos de incluí-lo na árvore genealógica da família de Duarte de Brito.
- 4 O abade de Perozello, no *Nobiliario*, tomo 3^o, ms. (*apud* Teófilo Braga, *Poetas Palacianos*, Porto, Imprensa Portugueza, 1871, p. 327-8) o dá casado com Isabel de Azevedo e como tendo militado na Índia.
- 5 Antonio Cordeiro, *História Insulana*, Lisboa Occidental, na Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1717, p. 84-5, diz: "Para suas quatro filhas pedio o Capitão Zargo [João Gonçalves Zargo] a ElRey, lhe mandasse quatro homês que com ellas casassem; & ElRey lhe mandou quatro fidalgos: primeiro, Diogo Cabral, irmão do Senhor de Belmonte, que casou com a primeira filha do Zargo Brites Gonçalves da Camera, & desta houve a Grimaneza Cabral, mulher de Tristão Teyxeyra, Capitão terceyro de Machico; houve mais João Rodriguez Cabral, que casou com Constança Rodriguez a moça; & houve também a Joanna Cabral, mulher de Duarte de Brito; & houve mais a mãy de Tristão Vaz da Veyga, & mulher de Rui de Sousa o Velho, & a de Rui Gomes da Grã, Guarda mór da Excellente Senhora; & finalmente a mulher de Vasco Moniz, de Machino."
- 6 D. Antonio de Lima, suposto autor do *Livro de Linhagens de Portugal*, ms. da Biblioteca da Ajuda, Cota: 49-XIII-19, diz: "Antonio de-brito filho de artur de brito e irmão de graviel de brito foi casado com dona violante [...] Lourenço de brito filho de duarte de brito irmão deste antonio de brito foi comendador da ordem de christãos dos que não podião casar e tem muitas comendas e foi copeiro mor de dom manuel e teve muitos filhos bastardos que alguns morrerão num dia e outros são ainda vivos que la andão" (cf. f.144). Por seu turno, Manoel de Souza da Silva, nas *Notas ao Nobiliario do Conde D. Pedro de Barcelos*, 1702 (?), ms. da Biblioteca da Ajuda, Cota: 49-XIII-16, traz a genealogia de um outro Duarte de Brito. Diz o referido genealogista: "Rodrigo Afonso de Brito que serviu a ElRey D. João I, o qual lhe deu hũa herdade em Casella e a Adega de Tavira [...] Duarte de Brito deve ser filho hou netto de Rodrigo Afonso de Brito [...] Casou e teve filho a Estevão de Brito que viveo na Alcaidaria de Beja e casou com D^a Grimaneza filha de Nuno Roiz Freire e tiverão filho a Artur de Brito que succedeo na casa de seu Pay e foy Alcaide mor de Beja e casou com D. Caterina filha de João Vaaz de Almada. . ." (cf. fls. 178v-180).
Estes casos de homonímia são comuníssimos nos livros de genealogias. Tanto podem se referir a homônimos de uma mesma época, como é o caso do nome de Duarte de Brito, como a homônimos de épocas diferentes, caso específico do nome de Isabel de Azevedo, nome da avó, da esposa e da filha de Duarte de Brito.
- 7 *Juzarte* pertence aos delatores do Duque de Bragança e o nome de Duarte de Brito, inscrito entre os cavalleiros da moradia de D. João II, que tanto premiou esses acusadores, torna admissível a asserção do manuscrito citado [Abade de Perozello, *Nob.*, ms., tomo 3^o], *op. cit.*, p. 327-8. Cf. também A. Braamcamp Freire, *Crítica e História. Estudos I*, Lisboa, Tp. da Antiga Casa Bertrand, 1910, que diz: "e também foi elle [Antão de Faria] que por ordem de seu amo [D. João II] se foi avistar na quaresma de 1483, com um casal proximo de Santarém, com Gaspar Jusarte, o segundo delator. [...] Gaspar Jusarte, o que se avistara com Antão de Faria no casal proximo de Santarem, no intuito de facilitar a denuncia de seu irmão Pero, conservou D. Manuel

- no seu conselho, e confirmou-lhe, em Setubal, seis meses depois de ser rei, a 27 de abril de 1496, o prêmio por D. João II outorgado em satisfação de seu serviço.” (p.271-3).
- 8 Cf. o que a propósito da Capella de São Bras na Igreja de São Tiago de Evora diz Andrade Leitão, nota 3. Leve-se em consideração também o título que encima o nome de Duarte de Brito nos Livros de Moradias de D. Afonso V e de D. João II. A este respeito vale acrescentar o que diz Jorge de Sena, nos *Estudos de História e de Cultura*, p.230, nota 54: “A dignidade de “cavaleiro” não se dava para *nobilitar* ninguém, mas assegurar-lhe uma proteção jurídica e uma situação estável adentro de um orçamento “doméstico”. Mas isso não significa que se desse, a não ser em casos especialíssimos, a qualquer plebeu.” E, por fim, o fato do nome da família Brito, ou melhor, da família de Duarte de Brito, sempre aparecer, nos livros de genealogias, com o título “Britos de Evora”, do mesmo modo que outras famílias importantes da época.
- 9 *op. cit.*, p. 267-8.
- 10 D. António Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, ed. rev. por M. Lopes de Almeida e César Pegado, Coimbra, Atlântida, 1947, tomo II, 1ª parte, p. 49.
- 11 *Id. ib.*, p. 222.
- 12 Cf. Fortunato de Almeida, *História de Portugal*. Coimbra, editor Fortunato de Almeida, tomo II, livro IV, p. 142-4.
- 13 Jorge de Sena, *A Estrutura de “Os Lusíadas” e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI*, Lisboa, Portugália Editora, [1970], p. 53. Cf. ainda o que a propósito de homonímia dissemos na nota 6.
- 14 Abade de Perozello, *Nobiliario*, ms., tomo 3º, *apud* Teófilo Braga, *op. cit.*, p. 327-8; Andrade Leitão, *Famílias de Portugal*, letra B, tomo 3º, ms. da Biblioteca da Ajuda, Cota: 49-XII-28; Manuel Alvar Pedroza, *Famílias Genealógicas*, tomo 5º, ms. da Biblioteca da Ajuda, Cota: 49-XIII-12; José de Faria, *Memórias Genealógicas*, compiladas por Joam de Sousa Coutinho, 1742, ms. da Biblioteca da Ajuda, Cota: 49-XIII-40; *Nobiliario Portugues*, tomo 5º do Acrescentamento, ms. da Biblioteca da Ajuda, Cota: 50-IV-18; *Linhagens*, ms. da Biblioteca da Ajuda, Cota: 50-IV-8.
- 15 Duarte de Brito menciona os seguintes nomes: D. Joam de Meneses, Joam Gomez da Ilha, Dona Ilena, e as damas da corte, Briatiz d’Ataíde, Briatiz d’Azevedo, Dona Briatiz Pereyra, Dona Branca Coutinha, Dona Caterina Anriquez, Dona Margarida Furta-da, Dona Margarida Anriquez, Dona Orraca, Dona Guiomar de Crasto, Dona Isabel Pereyra, Dona Maria d’Ataíde, Dona Felipa Anriquez. Dessas damas pouca coisa podemos saber e mesmo o pouco que se sabe, quase sempre se acompanha de dúvidas. Por exemplo, Dona Branca Coutinha se casa mais ou menos em 1490, Dona Maria d’Ataíde, mais ou menos em 1492 e Dona Guiomar de Crasto, mais ou menos em 1482. A primeira morreu em 1530 e a segunda em 1528. (Cf. Braamcamp Freire, *op. cit.*, p. 21-8).
- 16 Cf. *A Estrutura de “Os Lusíadas” e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI*, p. 42. Grifamos.
- 17 Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, s.v. *escudeiro*. Vj. ainda nota 15.
- 18 Talvez pudéssemos ainda acrescentar mais alguma coisa à biografia de Duarte de Brito. Os poemas “Duarte de Brito partindo de Santarém” e o que se inicia pelo verso “Sam sete anos passados”, se comparados com algumas datas, poderiam perfeitamente alimentar estas duas hipóteses: 1) Duarte de Brito e sua família teriam vivido em Santarém até mais ou menos os 19 anos do Poeta e, 2) Duarte de Brito e sua família teriam ido para Évora por volta de 1480. As datas não invalidam em nada as hipóteses levantadas.